

A QUEDA DE CONSTANTINOPLA

O fim brutal do Império Bizantino



50MINUTES.com

A QUEDA DE CONSTANTINOPLA

O fim brutal do Império Bizantino



50MINUTES.com

A QUEDA DE CONSTANTINOPLA

○ fim brutal do Império Bizantino

escrito por Romain Parmentier
traduzido por Alva Silva

50MINUTES.com

A QUEDA DE CONSTANTINOPLA

DADOS-CHAVE

•Quando? De 6 de abril a 29 de maio 1453

•Onde: Constantinopla, capital do Império Bizantino (agora Istambul)

•Contexto? Expansão otomana (século XIV – XVII)

•Beligerantes? O Império Bizantino versus o Império Otomano

•Principais atores?

◦ Constantino XI, imperador bizantino (1403-1453)

◦ Mehmet II, Sultão do Império Otomano (1432-1481)

•Resultado? Vitória otomana

•Vítimas?

° Campo bizantino: cerca de 4.000 vítimas e 50.000 prisioneiros

° Campo otomano: número desconhecido, mas as perdas são elevadas

INTRODUÇÃO

Um importante ponto de viragem na história europeia, a queda de Constantinopla marcou o fim do Império Romano Oriental (vulgarmente conhecido como Império Bizantino) em favor do Império Otomano. Segundo muitos historiadores, este acontecimento precipitou o fim da Idade Média e marcou a entrada da Europa Ocidental na Idade Moderna.

A batalha por Constantinopla começou a 6 de abril de 1453. O ataque foi ordenado pelo Sultão Otomano Mehmet II, que queria pôr fim à presença bizantina no Bósforo. A aposta era alta: tomar posse de Constantinopla não só garantiu o controlo da porta comercial que liga o Oriente ao Ocidente, como também pôs fim ao último bastião cristão do Oriente. Os otomanos, conscientes dos riscos, iniciaram um cerco à cidade, procurando tomá-la, enfraquecendo-a gradualmente através de uma série de ataques ofensivos, mas também através de um bloqueio destinado a isolá-la e a privá-la de toda a assistência externa.

Foi um império bizantino em declínio que tentou resistir ao ataque. Atrás das impressionantes muralhas de Constantinopla, o Imperador Constantino XI conseguiu manter os otomanos à distância durante mais de 50 dias. No entanto, face às sucessivas agressões, a cidade caiu finalmente a 29 de maio de 1453, selando o destino de dois impérios e marcando o crepúsculo para o Império Bizantino e a aurora para o Império Otomano.

CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL

BIZÂNCIO, UM IMPÉRIO EM AGONIA

A queda de Constantinopla, um acontecimento marcante na história do século XV, foi apenas o ato final de um processo de declínio que estava em curso há séculos. Desde o seu advento até à queda do Império Romano em 476 d.C. Desde o seu advento até à queda do Império Romano em 476 d.C., passaram quase mil anos durante os quais o império se manteve, apesar das alegações que alguns (como os árabes, sérvios, búlgaros, venezianos, genoveses e turcos) tinham nos seus territórios.

É BOM SABER

Para alguns historiadores, o nascimento do Império Bizantino teve lugar em 395 DC, quando o Imperador Teodósio I (347-395) decidiu dividir o Império Romano entre os seus dois filhos. Embora várias divisões já tivessem tido lugar no passado, esta era definitiva. Mas era principalmente administrativo e os habitantes dos dois impérios não se aperceberam de quaisquer diferenças reais em comparação com a situação anterior. Por exemplo, estavam sujeitos à mesma legislação. Só em 476 d.C. é que o Império Bizantino liderou o seu próprio destino.

O declínio do Império Bizantino começou em 1204, quando a República de Veneza, por razões de competição comercial, desviou para Constantinopla a Quarta Cruzada (1201-1204), inicialmente dedicada à reconquista da Terra Santa e Jerusalém, depois nas mãos dos árabes. Este evento, que teve as suas raízes na disputa religiosa entre as Igrejas Orientais e Ocidentais desde o cisma de 1054,

teve consequências devastadoras. A capital bizantina foi sitiada e conquistada pelos Cruzados, que a saquearam, sinalizando o fim do Império Bizantino, que depois se dividiu em quatro entidades:

- o Império Latino de Constantinopla (1204-1261), que incluía a Trácia, o noroeste da Ásia Menor, Lesbos, Samos e Chio, e que estava em mãos ocidentais;
- o déspota do Épiro (1204-1318), localizado nos Balcãs e que se estende à Albânia e à Grécia;
- O Império de Nicéia (1204-1261), localizado nas margens do Mar de Mármara e do Mar Negro, cujo imperador foi Theodore I Lascaris (c. 1174-1222);
- o império de Trebizond (1204-1461), localizado na região do Pontus na costa do Mar Negro, que foi um dos últimos refúgios dos gregos antes de cair também para os otomanos em 1461.

Contudo, em 1261, Michael VIII Palaeologus (1224-1282), co emperador de Nicéia e depois imperador bizantino, conseguiu reconquistar Constantinopla e restaurar o Império Bizantino. Os danos causados pelos Cruzados revelaram-se, contudo, irreversíveis, e as duas Igrejas separaram-se definitivamente.

É BOM SABER

O cisma de 1054, também conhecido como o Grande Cisma Oriental, corresponde à rutura entre a Igreja Bizantina (liturgia ortodoxa) e a Igreja Romana (liturgia católica). As diferenças entre eles não são recentes e têm aumentado gradualmente ao longo dos séculos. Dizem respeito à doutrina, prática litúrgica e questões teológicas. A data de 1054 é, contudo, digna de nota e coincide com a excomunhão recíproca de Michael Cerularius (1000-1059), Patriarca de Constantinopla, e do Papa Leão IX (1002-1054). Este evento foi prejudicial para os bizantinos, que agora só podiam esperar o apoio do Ocidente em troca da sua submissão ao Papa.

O TURBANTE E NÃO A MITRA

No século XV, o Império Bizantino, já enfraquecido por uma situação económica desastrosa, foi minado por lutas constantes pela sucessão. O império estava agora limitado à Europa. Ao mesmo tempo, surgiu uma nova potência: os otomanos. Estes últimos ocuparam gradualmente os restantes territórios bizantinos, de tal forma que no início do século XIX, TUDO O QUE restava do império era Constantinopla e a Moreia (Peloponeso). Para assegurar a sua sobrevivência, foi obrigado a prestar homenagem ao invasor, reduzindo assim os imperadores bizantinos ao estatuto de vassalos do Império Otomano. A cidade de Constantinopla perdeu o seu esplendor e foi sendo gradualmente despovoada.

Perante a ameaça otomana, vários imperadores tentaram obter ajuda do Ocidente. Mas as questões religiosas estiveram sempre no centro das negociações, e Roma exigiu a união da Igreja Oriental com a Igreja Ocidental como pré-requisito para qualquer forma de ajuda. Esta prerrogativa estava no coração dos conselhos de Ferrara, então Florença, que em 1438 e 1439 tentaram – em vão – conseguir a união das duas igrejas. De costas para a parede, os últimos imperadores de Bizâncio foram forçados a aceitar este compromisso, provocando o crescente descontentamento da população, que tinha sido marcado de forma duradoura pelas atrocidades cometidas pelos cruzados em 1204: os acordos sindicais foram, portanto, vistos como uma verdadeira traição. Foi neste contexto tenso que o Grão-Duque Loukas Notaras, Grande Almirante da frota bizantina (que morreu em 1453), terá pronunciado uma frase famosa: “Antes o turbante dos turcos do que a mitra dos latinos”. (DONALD MACGILLIVRAY (Nicol), *Les derniers siècles de Byzance. 1261-1453*, Paris, Tallandier, col. “Texto”, 2008, p. 399)

Em 1444, o mundo cristão empreendeu uma cruzada final contra os otomanos,

mas que terminou em fracasso na Batalha de Varna.

É BOM SABER

A Batalha de Varna teve lugar a 10 de novembro de 1444 e colocou o Sultão Murad II (1404-1451) contra os cristãos liderados por John Hunyadi (líder militar e político da Transilvânia, 1387-1456), Rei Vladislaus da Hungria (1423-1444) e Príncipe Vlad Dracul da Valáquia (1397-1447, pai do conde que inspirou o romance Drácula de Bram Stoker).

Perante a crescente ameaça otomana a Constantinopla e aos Balcãs, o Papa Eugene IV (1383-1447) ordenou a preparação de uma nova cruzada contra os muçulmanos.

Os cruzados partiram em julho de 1444 e planearam chegar ao porto de Varna para embarcar em navios para Constantinopla. Mas a frota cristã ficou para trás, permitindo que o Sultão Murad II enviasse o seu exército para Varna. A 10 de novembro, os dois exércitos reuniram-se e começaram a lutar. Embora a vantagem parecesse inicialmente ser com os cruzados, o jovem rei Vladislav I lançou uma ofensiva irrefletida que lhe custou a vida e confundiu o exército ocidental. As consequências foram terríveis: o monarca húngaro foi morto, John Hunyadi fugiu, e o exército cristão foi quase exterminado. O Sultão Otomano ganhou a batalha, pondo fim à cruzada e privando Constantinopla de reforços, o que seria decisivo para a captura da capital bizantina alguns anos mais tarde.

A ASCENSÃO DO IMPÉRIO OTOMANO

Enquanto o Império Bizantino já existia há séculos, o Império Otomano só surgiu em 1299. O seu fundador Osman I Gazi (c. 1258-1326) e os seus sucessores continuaram a aumentar o seu poder e a expandir o seu território. Em 1354, os otomanos apreenderam terras na Europa, tais como a cidade de Gallipoli. A partir daí, já não era possível impedir o seu avanço, que continuou nos Balcãs, nomeadamente com a conquista de Andrinople pelo terceiro sultão otomano, Murad I (1326-1389), em 1362.

Foram apenas 200 quilómetros até Constantinopla, ainda nas mãos de um império bizantino já moribundo. No entanto, passariam décadas até que a cidade caísse. A razão para isto não foi uma fraqueza dos otomanos. Os otomanos foram confrontados com muitas ameaças que os impediram de conquistar Constantinopla: os sérvios e os cristãos no Ocidente, os mongóis no Oriente, bem como as lutas pela sucessão entre os sultões, adiaram constantemente a conquista da capital bizantina. Um exemplo disto é o empreendimento do Sultão Murad II, que, enquanto sitiava Constantinopla em 1422, foi urgentemente recordado por causa de uma rebelião na Anatólia, pondo um fim abrupto ao cerco. A situação mudou, contudo, quando Mehmet II chegou ao poder.

CONSTANTINOPLA, O SONHO DE MEHMET II

Quando Mehmet II ascendeu ao trono do Império Otomano em 1451, ele tinha apenas um objetivo: tomar Constantinopla e acabar com o Império Bizantino. O Sultão Otomano estava consciente da importância de tal conquista. Isso permitia-lhe:

- para ligar as partes europeias e asiáticas do Império Otomano;
- criar uma ponte para os Balcãs e outras conquistas;
- controlar o Estreito de Bósforo, que é de grande importância comercial e militar;
- obter reconhecimento internacional;
- destruir o Império Bizantino e acabar com o domínio cristão no Oriente.

Mehmet II pretendia fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para evitar uma falha semelhante à de 1422. O seu plano de ataque foi, portanto, cuidadosamente

preparado durante os dois anos que antecederam a sua vitória.

Desejando afastar qualquer ameaça externa, o Sultão começou por renovar os tratados de paz com os seus vassallos cristãos e muçulmanos. Em seguida, começou por privar Constantinopla de qualquer hipótese de ajuda, cortando-a dos seus possíveis auxiliares. Para o efeito, Mehmet II assinou um tratado com a República de Veneza em setembro de 1451 e concluiu uma paz de três anos com John Hunyadi, representante do Reino da Hungria, em novembro.

A partir de 1452, o Sultão lançou também desvios militares na Morea, depois nas mãos dos irmãos de Constantino XI, para os impedir de virem em auxílio da capital no momento do cerco.

A única coisa que restava a Mehmet II era isolar completamente Constantinopla, bloqueando a cidade no Bósforo. Para este fim, o sultão mandou construir o castelo de Rumeli Hisari ao norte do estreito, em frente a outra fortaleza otomana construída por um dos seus antecessores, Bayezid I (cerca de 1360-1403). Com estas duas fortalezas, ele controlava agora a parte norte do Estreito, impedindo qualquer navio do Mar Negro de abastecer Constantinopla. Em novembro de 1452, navios venezianos carregados com trigo, que tentavam quebrar o bloqueio, foram afundados pela artilharia abrigada pelas fortalezas. Tudo estava agora pronto para o cerco de Constantinopla, o trigésimo e último da sua história.

PRINCIPAIS ATORES

CONSTANTINO XI PALEÓLOGO, IMPERADOR BIZANTINO

Constantino XI Paleólogo, apelidado de Dragases (1403-1453), foi o último imperador romano oriental a testemunhar a queda de Constantinopla. O filho mais novo do Imperador Manuel II (1348-1425), Constantino XI não estava destinado a reinar no trono de Bizâncio. Portanto, quando em 1421 Manuel II se cansou de anos de conflito, nomeou o seu filho mais velho, João VIII (1390-1448), como co imperador. Foi nesta qualidade que esta última empreendeu uma primeira viagem ao Ocidente em 1423-1424, para procurar ajuda face a uma ameaça otomana cada vez mais premente. O jovem Constantino XI Paleólogo, encarregado de assegurar a regência do império durante a ausência do seu irmão, tornou-se assim déspota (o título mais alto do titulario imperial).

Em 1425, após a morte de D. Manuel II, João VIII tornou-se o único imperador reinante. Deu a três dos seus irmãos (Constantino XI, Theodore e Thomas) o governo de Moreia, a última província estável do império. Constantino XI Paleólogo tornou-se assim déspota da Moreia em Vostitza de 1427 a 1437, antes de se tornar novamente regente do império de 1437 a 1440 durante uma nova viagem do seu irmão para o Ocidente, empenhado em pôr fim às disputas religiosas e em favorecer a preparação de uma nova cruzada contra os otomanos. Após o regresso do imperador, Constantino XI Paleólogo retomou o seu papel de déspota da Moreia. No entanto, uma mudança ocorreu em 1443, quando ofereceu a cidade de Selymbria ao seu irmão Theodore em troca de Mistra (cidade de Moreia). Embora continuasse a governar a província juntamente com o seu irmão Thomas, ele tinha agora a parte mais rica e maior da Moreia.

O destino de Constantino XI mudou em 1448, quando o seu irmão João VIII

morreu. Como este último não tinha herdeiro, o trono de Constantinopla caiu sobre ele. A 6 de Janeiro de 1449, foi coroado basiliano (título bizantino de imperador). Mas a honra do cargo veio com muitas responsabilidades, incluindo enfrentar os otomanos. A situação era desesperada: o inimigo tinha conseguido, com o tempo, cercar o que restava do império. Como resultado, Constantino XI foi forçado a pedir o apoio das potências ocidentais. Foi forçado a proclamar a união e submissão da Igreja do Oriente ao papado romano em 1452, para grande desgosto da população de Constantinopla. Esta concessão final do Império Bizantino foi, contudo, ineficaz: nenhuma ajuda veio de Roma em 1453.

Entretanto, o Sultão Mehmet II resolveu pôr fim ao Império Bizantino. Em abril de 1453, a capital bizantina foi sitiada. Apesar da sua mão-de-obra limitada, Constantino XI organizou a defesa da cidade e fechou o Corno de Ouro (o porto natural de Constantinopla) com uma longa cadeia. Também levou 3.000 homens a defender a muralha de terra da cidade no Portão de St Roman. Seguiram-se 55 dias de resistência. Antes do ataque final a 29 de Maio de 1453, Mehmet II ofereceu a Constantino XI a soberania da Moreia em troca da rendição da cidade, mas o imperador recusou e respondeu que estava pronto a sacrificar a sua vida em vez de se render. Esta decisão selou o seu destino, mas também o de Constantinopla: o assalto turco revelou-se insuperável. Seguido por alguns seguidores fiéis, Constantino XI atirou-se, contudo, à luta com a sua espada e teve uma morte heroica, pondo fim à longa linhagem de imperadores romanos. O seu corpo nunca foi encontrado.

MEHMET II, SULTÃO DO IMPÉRIO OTOMANO

Mehmet II (ou Mehmed II), o sétimo sultão do Império Otomano, foi o instigador do cerco de 1453 de Constantinopla. Filho do Sultão Murad II, acedeu pela primeira vez ao trono otomano em 1444, quando tinha apenas 12 anos de idade. As razões pelas quais o seu pai abdicou a favor do seu filho permanecem um mistério até aos dias de hoje. Contudo, a juventude do novo sultão provou ser um grande inconveniente: a crescente influência dos seus preceptores no governo do império acabou por suscitar a oposição dos grandes notáveis, o mais famoso dos quais foi Halil Pasha (Grande Vizier do Império Otomano de 1439 a 1453), mas também do exército. Murad II foi chamado ao trono em 1446, pondo fim ao primeiro reinado de Mehmet II.

Em 1451, a morte do seu pai recordou-o ao poder. Os cinco anos que separaram os seus dois reinados permitiram ao jovem sultão aperfeiçoar a sua educação, mas também ser iniciado em assuntos militares e de estado. Mehmet II estava agora pronto e tinha apenas um objetivo: ver-se livre de Constantinopla de uma vez por todas, a fim de ter sucesso onde o seu pai tinha falhado em 1422. No entanto, o jovem sultão não se lançou de cabeça num cerco mal preparado, muito pelo contrário. Durante dois anos, isolou progressivamente Constantinopla a fim de evitar qualquer ajuda quando chegasse o momento. Só em abril de 1453 é que iniciou o cerco da capital bizantina, que tomou posse no final de maio. A partir daí, Constantinopla tornou-se a capital do Império Otomano e Mehmet II foi apelidado de al-Fātih, que significa “o Conquistador”.

As conquistas de Mehmet II não terminaram aí. Com a força da sua vitória, o Sultão começou a anexar definitivamente a Sérvia ao seu império. Já em 1454, iniciou a conquista deste território, até ao cerco de Belgrado em 1456. No entanto, o empreendimento acabou em fracasso. Os otomanos tiveram de esperar

três anos antes de finalmente tomarem posse plena da Sérvia. Mehmet II começou então a apreender os últimos vestígios do Império Bizantino, subjugando o Despotismo da Moreia e o Império de Trebizond em 1461. Dois anos mais tarde, foi a vez da Bósnia ser subjugada, seguida em 1467 pela Albânia. Os Balcãs estavam agora na posse do Império Otomano. Os postos comerciais genoveses e venezianos nas costas ocidentais do Mediterrâneo e do Mar Negro foram também gradualmente conquistados pelo Sultão, e a Crimeia foi vassalizada.

Mehmet II liderou campanhas de conquista até ao fim da sua vida, aumentando o poder e a dimensão do seu império. Morreu em 1481 aos 49 anos de idade por envenenamento, de acordo com algumas fontes.

ANÁLISE DA BATALHA

PREPARATIVOS

A fim de atingir o seu objetivo, Mehmet II já estava a preparar o isolamento de Constantinopla há vários meses. Chegou agora a altura de reunir o seu exército. A partir daí, o Sultão mobilizou todos os contingentes à sua disposição, bem como os que lhe eram devidos pelos seus vassallos. No total, cerca de 80.000 soldados foram reunidos sob a bandeira do Sultão, incluindo 10.000 Janissários, a infantaria de elite de Mehmet II. O Sultão tinha também a maior frota naval jamais montada pelos otomanos, com mais de 100 navios. No entanto, foi a artilharia que fez a diferença durante o cerco, pois foi a primeira vez que foi utilizada em tão grande número. Catorze baterias, cada uma constituída por quatro grandes canhões, foram colocadas em frente à parede, cuja peça central era o canhão Orban (com o nome do engenheiro húngaro que o concebeu, que morreu em 1453), que se tornou famoso pelas suas dimensões impressionantes (oito metros de comprimento) e pela sua capacidade de disparar bolas de 600 quilos – um verdadeiro feito técnico para a época. Foram necessários nada menos do que 200 soldados e 60 bois para o transportar para Constantinopla. O seu objetivo era destruir as antigas muralhas da cidade.

Face a este exército colossal, a situação de Constantinopla parecia ainda mais desesperada. Abandonada pelos países ocidentais, a cidade podia agora contar apenas com as suas próprias pequenas forças e alguns contingentes auxiliares estrangeiros. Nos seus escritos, George Phrantzês (1401-1478), conselheiro de Constantino XI e historiador, menciona 4.973 homens em estado de luta, esta figura incluindo clérigos e monges. Além disso, existiam 2.000 a 3.000 soldados estrangeiros, principalmente de Veneza e Génova, sendo o contingente mais famoso o do capitão genovês Giovanni Giustiniani Longo (c. 1418-1453), que continha 700 homens. No total, entre 7.000 e 8.000 homens foram destacados para defender Constantinopla, a maior parte dos quais foram afetados à defesa do muro de terra contra o qual as agressões deveriam ser levadas a cabo. Quanto à defesa naval, a cidade estava igualmente indefesa, com apenas 26 navios de

guerra para defender o Corno de Ouro. Finalmente, o armamento também era insuficiente: os soldados lutaram com facas, e a artilharia da cidade era praticamente obsoleta.

É BOM SABER

Giovanni Giustiniani Longo era um genovês de uma das maiores famílias de Génova e um parente dos Doria, uma ilustre família da cidade. Em 1453, ele decidiu salvar Constantinopla. A República de Génova recusou-se a participar na batalha, pelo que financiou sozinho a sua expedição e trouxe um reforço de 700 soldados bem armados para a capital bizantina. Foi recebido como herói por Constantino XI, que lhe ofereceu a ilha de Lemnos como agradecimento. Foi designado para defender a muralha terrestre da cidade. Levando muito a peito a sua tarefa, inspecionou imediatamente as muralhas e mandou reforçá-las quando necessário. Durante o cerco, ele é conhecido pela sua coragem e energia. Como líder notável, repeliu todos os ataques otomanos até ao ataque final, durante o qual foi gravemente ferido. Os seus camaradas de armas decidiram então evacuá-lo da cidade por barco. Quando chegou a Chio, morreu dois dias mais tarde.

No entanto, apesar dos seus recursos limitados, Constantinopla tinha dois sistemas defensivos importantes. Para compreender a sua importância, é importante lembrar que, geograficamente, a cidade forma um triângulo sobre o Bósforo: a norte está o Corno de Ouro, a sul o Mar de Mármara e a Oeste o muro de terra. Estas características são:

- a corrente que fecha o porto de Golden Horn ligando a Torre Eugene (localizada nas muralhas da cidade) às muralhas da fortaleza de Galata, que se encontra do outro lado do rio. A corrente, que repousa sobre flutuadores de madeira e é

defendida por nove navios de guerra, impede os navios de entrarem no Corno de Ouro. Isto significa que nenhuma frente pode ser aberta deste lado, permitindo que os defensores da cidade possam enviar tropas para outras partes da cidade;

- O recinto fortificado de Teodósio II (Imperador do Oriente, 401-450) é composto por três linhas de defesa. Estende-se ao longo de sete quilômetros e protege o lado terrestre da cidade. Para chegar à cidade, os atacantes devem primeiro atravessar uma vala de 18 metros de largura e de seis a nove metros de profundidade, que é seguida de um aterro. Alcançam então a parede exterior, que é protegida por torres de dez metros de altura colocadas a cada 50 a 100 metros. Finalmente, têm de passar a parede interior (12 metros de altura) que tem 96 torres de 18 metros de altura. Este sistema era, portanto, de grande importância para os habitantes de Constantinopla, que não deixaram de o reforçar na véspera da batalha.

Os bizantinos também estavam bem cientes dos planos de Mehmet II. Em fevereiro de 1453, o exército do sultão já tinha tomado posse das zonas rurais e dos subúrbios de Constantinopla. A 2 de abril, as tropas chegaram à frente da cidade e enfrentaram as muralhas. Três dias depois, o Sultão juntou-se a eles: todo o exército otomano estava em posição. Pela sua parte, o Imperador Constantino XI distribuiu as tropas de defesa: a batalha por Constantinopla podia começar.

A ESPERANÇA NO MEIO DE UM BOMBARDEAMENTO

Em 6 de abril de 1453, Mehmet II lançou hostilidades e ordenou o bombardeamento das muralhas de Constantinopla. Este bombardeamento sistemático tornou-se uma ocorrência diária durante todo o cerco. O canhão de Orban revelou todo o seu poder e, embora só pudesse disparar sete vezes por dia, as suas bolas de canhão infligiam graves danos nas paredes de Constantinopla. Foram feitas brechas na parede e as torres foram pulverizadas. Após alguns dias, graças aos reforços de canhões mais pequenos, este monstro da artilharia causou o colapso de toda uma secção do muro. Contudo, o canhão de Orban acabou por explodir, matando o seu criador no processo. Entretanto, o Sultão ordena aos seus soldados que preencham a lacuna entre eles e a parede exterior, a fim de se prepararem para o assalto da infantaria. No mar, a batalha também é feroz: a frota otomana tenta quebrar a corrente do Corno de Ouro.

Para os habitantes de Constantinopla, o ruído incessante dos canhões tornou-se rapidamente um tormento. O ruído dos tambores e címbalos, concebido para evitar que os defensores descansassem, também foi acrescentado a isto. Foi uma verdadeira guerra psicológica que começou em Constantinopla. No entanto, os defensores ainda não tinham perdido a esperança e até alcançado vários sucessos:

- a frota otomana é continuamente frustrada em frente da cadeia do Corno de Ouro;

- as brechas feitas pela artilharia otomana na parede são preenchidas durante a noite;

- as valas são cavadas até ao ponto em que, todas as manhãs, os soldados do sultão são forçados a recomeçar o seu trabalho.

A 18 de abril, julgando que as violações eram suficientes para lançar um ataque, Mehmet II tentou um primeiro ataque com a sua infantaria, mas isto foi repelido pelos bizantinos. Do topo das suas muralhas, utilizaram fogo selvagem contra os otomanos, uma arma incendiária da qual só eles tinham o segredo. Os portões da cidade foram brilhantemente defendidos por Giovanni Giustiniani Longo. Esta pequena vitória permitiu que os bizantinos recuperassem a confiança. Este sentimento de esperança foi reforçado a 20 de abril, quando três navios genoveses e um grande navio imperial apareceram nas águas de Constantinopla com soldados, comida e munições. Mehmet II ordenou imediatamente a sua destruição, em vão: ao cair da noite, estes quatro navios, sozinhos contra a frota otomana, conseguiram entrar no Corno de Ouro, uma vez que a corrente tinha sido baixada exceccionalmente para a ocasião. O sultão, furioso com este novo fracasso, demitiu o seu almirante.

SABIA DISTO?

O fogo grego é uma arma incendiária feita de salitre e betume utilizado pelos bizantinos. Ainda hoje, só podemos especular sobre a sua composição exata. Esta arma tem a particularidade de arder na água e foi por isso muito utilizada durante as batalhas navais. Foi também utilizado sob a forma de granadas de barro ou barris catapultados para defender cidades. Finalmente, com a ajuda de bombas, o fogo grego podia ser projetado diretamente sobre o inimigo, à maneira de um lança-chamas.

A PROEZA DO CORNO DE OURO

Humilhado, Mehmet II tinha apenas uma obsessão: entrar no Corno de Ouro. No entanto, a cadeia permaneceu inquebrável. Foi neste contexto que teve lugar a operação mais improvável da batalha. O Sultão decidiu transportar parte da sua frota por terra, contornando a fortaleza de Galata, antes de a introduzir no Corno de Ouro, a fim de apanhar a frota bizantina por trás. Durante a noite de 22-23 de abril de 1453, 70 pequenos navios foram retirados da água e transportados em enormes carroças puxadas por bois numa distância de 1,3 quilómetros. Esta manobra gigantesca exigiu milhares de homens, mas foi um sucesso: ao amanhecer, os habitantes de Constantinopla ficaram horrorizados ao ver a frota otomana a descer lentamente para o canal do Corno de Ouro.

Com esta proeza, Mehmet II abriu uma nova frente na cidade, forçando os já demasiado poucos defensores a espalharem-se por uma área muito maior. A artilharia otomana foi imediatamente lançada contra as paredes, a fim de abrir novas brechas. Os bizantinos tentaram, contudo, a 28 de abril, destruir a frota que tinha entrado no Golden Horn, nomeadamente através do envio de barcos incendiários contra ele. No entanto, os otomanos conseguiram afundá-los: a operação bizantina terminou em fracasso. Mas, se Mehmet II tivesse aberto uma segunda frente, a situação dos seus navios no Corno de Ouro estava longe de ser favorável. Ficaram presos no porto pela corrente que permaneceu no lugar durante todo o cerco, apesar de múltiplas tentativas de a destruir. Houve, portanto, muitas baixas no mar. Durante este tempo, o bombardeamento das paredes continuou, enquanto os sitiados começaram a enfraquecer e as reservas estavam a esgotar-se.

A batalha foi travada no mar e em terra, mas também foi subterrânea. Mehmet II ordenou a alguns soldados que escavassem minas para alcançar as paredes

circundantes em vários pontos e que colocassem explosivos a fim de fazer cair a parede. A operação era perigosa e o risco de colapso era elevado, mas apenas a vitória contava, a qualquer preço. Tendo compreendido os planos dos otomanos, os bizantinos tentaram até 25 de maio construir outras minas destinadas a destruir as escavadas pelos seus adversários: a operação de Mehmet II foi novamente um fracasso. A 18 de maio, o Sultão tentou um novo assalto e esperava escalar as paredes com a ajuda de uma enorme torre de madeira sobre rodas, mas foi incendiada antes de chegar à parede.

De ambos os lados das muralhas, o moral das tropas estava gradualmente em declínio: as reservas bizantinas estavam quase esgotadas, os reforços esperados de Veneza não chegavam, era cada vez mais difícil para elas colmatar as lacunas, e certos acontecimentos como um eclipse lunar eram vistos como maus presságios. Os otomanos também foram esgotados pelo cerco sem fim e pelos seus sucessivos fracassos. Face a esta situação, Mehmet II ofereceu a Constantino XI a possibilidade de rendição, mas o imperador bizantino preferiu morrer em vez de desistir de Constantinopla. Chegou, portanto, a altura de acabar com isto.

O ASSALTO FINAL

Após um conselho de guerra, Mehmet II ordenou que o bombardeamento dos muros fosse intensificado ao longo do dia 27 de maio. Quando uma secção da parede interior ruiu, a esperança foi restaurada para os otomanos: eles tinham agora os meios para levar Constantinopla. No dia seguinte, o Sultão deu aos seus soldados um dia de descanso em preparação para o assalto final. No lado bizantino, era evidente que o resultado da batalha estava próximo. Ícones e relíquias são trazidos para fora das igrejas e são expostos nas muralhas. Os habitantes reunidos na Basílica de Santa Sofia, pondo exceccionalmente de lado as suas disputas religiosas a fim de partilhar uma última missa em conjunto. O imperador Constantino XI, depois de pedir a absolvição dos seus pecados, vai aos muros para encorajar as suas tropas uma última vez.

O assalto final começou a 29 de maio de 1453, por volta da 1.30h da manhã. Uma primeira vaga de soldados otomanos rompeu o muro de terra de Constantinopla, apoiados pela artilharia e pelo som dos tambores. O ataque foi dirigido principalmente a uma brecha no muro, que foi ardentemente defendida pelos homens de Giovanni Giustiniani Longo. Durante horas, as tropas otomanas foram repelidas, mas foram imediatamente substituídas por novas tropas. O Sultão não quis dar aos bizantinos qualquer descanso até estes estarem exaustos. Enviou então os Janissaries, as suas tropas de elite.

Ao amanhecer, a feroz batalha continuou, mas Giovanni Giustiniani Longo, que era sem dúvida o maior defensor de Constantinopla, foi ferido e evacuado do campo de batalha. A sua partida enfraqueceu terrivelmente a resistência e os bizantinos ficaram desesperados. Os janissários aproveitaram para darem o golpe de misericórdia: partiram para escalar as paredes e acabaram por chegar a uma torre, no topo da qual plantaram o padrão otomano. Encorajados por este

espetáculo, os soldados correram para os muros e finalmente quebraram a resistência bizantina e entraram na cidade através de uma brecha perto da Porta de Andrinople. Constantino XI, que defendia o Portão de São Romano, empenhou-se num ataque final com alguns dos seus seguidores: esta foi a última vez que o imperador foi visto.

Os otomanos abriram gradualmente todos os portões à medida que o seu número crescia na cidade: a cidade pertencia-lhes agora e foi deixada para ser pilhada. Desesperados, os últimos defensores da cidade regressam às suas casas para proteger as suas famílias. Além disso, a cadeia do Corno de Ouro foi quebrada, o que permitiu à frota otomana tomar posse do porto por volta do meio-dia. Quanto aos venezianos e genoveses, eles não tiveram outra escolha senão deixar a cidade.

A perda de vidas durante este cerco foi elevada, mas não foram estabelecidos números exatos; apenas os números de 4.000 vítimas bizantinas e 50.000 prisioneiros parecem certos.

Após 55 dias de cerco, Constantinopla rendeu-se finalmente ao Sultão Mehmet II, mas muitos autores louvarão a coragem da guarnição bizantina em resistir durante tanto tempo contra a esmagadora superioridade numérica dos otomanos.

IMPACTO DA BATALHA

UMA CIDADE MUDOU PARA SEMPRE

Assim que a vitória otomana foi assegurada, os soldados e janissários do sultão saquearam a cidade, pilhando e massacrando os bizantinos no seu caminho. O património da cidade foi também sujeito aos piores abusos: ícones religiosos foram profanados e despedaçados, e as riquezas da Basílica de Santa Sofia, onde parte da população se tinha refugiado, foram pilhadas. A entrada do Sultão em Constantinopla pôs um fim ao massacre. Para selar a sua vitória, Mehmet II foi à basílica, o coração espiritual da cidade, e concedeu clemência aos habitantes sobreviventes. O edifício foi então convertido numa mesquita, terminando assim séculos de cristianismo em Constantinopla. Apesar da concessão da liberdade de culto em 1453, os cristãos representam agora apenas 2% da população da cidade.

Ao longo dos anos, o rosto de Constantinopla é gradualmente transformado. Mehmet II começou a repovoar a cidade deserta e fez dela a capital do seu novo império. Minaretes foram adicionados às antigas igrejas e novas mesquitas foram construídas na cidade. Muitos edifícios típicos da civilização muçulmana foram também construídos, tais como banhos e medersas (escolas muçulmanas). Da antiga capital bizantina, restam apenas as muralhas e a Basílica de Santa Sofia. Finalmente, a cidade tomou o nome de Istambul, antes de iniciar um novo período de esplendor sob o domínio dos imperadores otomanos.

O FIM DO IMPÉRIO BIZANTINO E O INÍCIO DA IDADE DE OURO DO OTOMANO

Desde o saque de Constantinopla pelos Cruzados em 1204, o Império Bizantino tem visto o seu poder diminuir gradualmente. A captura da cidade em 1453 marcou o culminar deste declínio e o deslocamento definitivo do império em favor dos otomanos. As várias instituições bizantinas foram abolidas e a gestão da população, do território e do Estado foi a partir de agora baseada no modelo otomano. Embora Mehmet II tenha concedido a liberdade de culto, ao mesmo tempo a herança ortodoxa foi transferida para Moscovo, que se tornou então a “terceira Roma” para a Igreja Ortodoxa Russa.

A partir daí, restaram apenas vestígios da civilização bizantina: o déspota da Moreia e o império independente de Trebizond. No entanto, estas duas entidades não sobreviveram durante muito tempo, pois Mehmet II não podia tolerar a existência destes refúgios da nação helénica, o que poderia levar a uma nova cruzada contra o seu império. Consequentemente, em 1453, o despotismo de Moreia foi administrado por Thomas e Demetrios, os dois últimos irmãos de Constantino XI. Longe de se unirem para manter a autonomia da sua província, lutaram constantemente entre si para aumentar o seu poder. Em 1458, Mehmet II soube que ambos estavam a conspirar com o Papa Pio II para liderar os países ocidentais numa nova cruzada. Esta notícia convenceu finalmente o Sultão, que invadiu um terço do déspota Moreia antes de finalmente o acabar em 1460. Um ano mais tarde, o Império de Trebizond desapareceu, acabando assim com a presença bizantina no Oriente.

Contudo, para além da morte de um império, a queda de Constantinopla marcou o nascimento de outro. O Império Otomano existia desde 1299, mas a captura de

Constantinopla conferiu-lhe o estatuto de uma nova grande potência e marcou o início da sua era dourada e a sua grande expansão territorial, tanto na Europa como em África e na Ásia. Esta expansão começou com a aquisição gradual de Mehmet II dos Balcãs, que se tornou cada vez mais importante após a queda de Constantinopla. O futuro foi assim assegurado para o império, que se estendeu até às portas de Viena e só terminou em 1923, quando a República Turca foi oficialmente proclamada.

A queda de Constantinopla cumpriu assim as expectativas de Mehmet II:

- A captura da cidade permitiu-lhe ligar as partes europeias e asiáticas do império, assegurando assim uma melhor comunicação entre elas;
- O Estreito de Bósforo está agora inteiramente sob o seu controlo, o que lhe permite controlar o comércio na área, além de ser uma localização estratégica do ponto de vista militar;
- Ele pode agora afirmar ser o herdeiro dos imperadores romanos e dar ao seu império o estatuto de um novo poder com o qual o Ocidente terá de lidar;
- Finalmente, a captura de Constantinopla, seguida da dos últimos bastiões da civilização bizantina, pôs fim às Cruzadas e trouxe estabilidade ao Império Otomano.

O FIM DA IDADE MÉDIA?

O ano 1453, tal como o ano 1492 (o ano da descoberta da América por Colombo), é frequentemente referido como uma data chave quando a Europa passou da Idade Média para os tempos modernos. Embora a queda de Constantinopla seja um acontecimento importante na história europeia, seria errado acreditar que a Idade Média terminou abruptamente com a morte do último imperador bizantino. A transição de uma era para outra é muito mais complexa e faz parte de um longo processo que começou muito antes da queda de Constantinopla e continuou muito depois.

No entanto, a queda de Constantinopla contribuiu sem dúvida para uma importante mudança de mentalidade que se cristaliza sob o nome da Renascença. Ao longo da sua existência, o Império Bizantino tinha sido o lar de muitos centros intelectuais, um dos mais importantes dos quais era Mistra na Moreia. O deslocamento do império levou à fuga de muitos estudiosos e cientistas para a Europa Ocidental, especialmente para Itália, levando consigo não só os seus conhecimentos, mas também parte da herança greco-romana que Bizâncio herdara. A chegada destes intelectuais permitiu aos europeus redescobrir textos gregos, uma importante fonte de inspiração para a Renascença italiana.

Ao mesmo tempo, a queda de Constantinopla teve um impacto direto nas relações comerciais entre o Ocidente e o Oriente. As mercadorias (seda, especiarias, incenso, etc.) provenientes do Leste, que eram muito procuradas na Europa, eram parcialmente expedidas via Constantinopla. No entanto, a queda da capital bizantina e a expansão otomana levaram a um aumento dos impostos sobre as mercadorias, retardando assim o comércio. Os europeus partiram então para a conquista de novas rotas comerciais, o que levou aos Grandes Descobrimentos. A rota para a China tinha-lhes sido fechada desde a captura do

Acre pelos muçulmanos em 1291, pelo que as potências europeias continuaram à procura de uma nova forma de chegar à China e à Índia: contornando o continente africano, como fizeram os portugueses, ou atravessando o Atlântico, como fizeram a Espanha e a França.

Embora este expansionismo marítimo já estivesse em curso antes da queda de Constantinopla, nomeadamente através das expedições empreendidas pelo príncipe português Henrique o Navegador (1394-1460), só arrancou realmente após a captura da capital bizantina, o que reforçou decisivamente a necessidade de encontrar novas rotas marítimas, transformando profundamente as relações entre as diferentes partes do mundo.

EM RESUMO

- Em declínio há vários séculos, o Império Bizantino foi limitado no século XV à sua capital e à Moreia. Constantino XI tornou-se imperador em 1449 e foi o último baluarte contra a expansão otomana.

- Em 1451, o Sultão Otomano Mehmet II chegou ao poder com um objetivo: tomar Constantinopla. A fim de isolar completamente a cidade, o Sultão concluiu tratados com Veneza e depois com a Hungria.

- Em 6 de abril de 1453, desencadeou hostilidades ordenando o bombardeamento das paredes de Constantinopla.

- Após várias falhas militares, o exército otomano enviou parte da sua frota por terra durante a noite de 22 para 23 de abril, a fim de entrar no Corno de Ouro, fechado por uma corrente, e de levar as tropas bizantinas por trás. Esta exploração abriu uma nova frente; o bombardeamento da artilharia otomana foi então retomado com seriedade.

- A 23 de maio, Mehmet II ofereceu a Constantino XI uma rendição honrosa, mas este último recusou-se a abandonar Constantinopla. Quatro dias depois, após um dia de intenso bombardeamento, uma secção da muralha interior da cidade desmoronou-se.

- A 29 de maio, o ataque final foi lançado pelos otomanos por volta da 1.30h da manhã, combinando artilharia e sucessivas ondas de infantaria, mas estas foram repelidas uma após a outra.

- Ao amanhecer, Giovanni Giustiniani Longo foi ferido e evacuado do campo de batalha, o que enfraqueceu grandemente a defesa bizantina. Constantino XI, pela sua parte, morreu com os braços nas mãos.

- Os otomanos finalmente conseguiram entrar em Constantinopla pela manhã através de uma brecha perto do portão de Andrinople.

- Por volta do meio-dia, tendo a corrente que fechava o Golden Horn sido quebrada, a frota otomana tomou posse do porto de Constantinopla.

- À noite, Meimet II entra na cidade, pondo fim às exações cometidas pelas suas tropas. Assim que chegou à Basílica de Santa Sofia, concedeu clemência aos sobreviventes.

- Ao longo dos anos, Constantinopla tem sido transformada pela adoção dos costumes otomanos. Tudo o que resta da capital bizantina são as muralhas e a basílica.

PARA IR MAIS LONGE

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

“L'avancée des Turcs dans l'Europe des XVe et XVIe siècles”, in Histoire universelle. Le Bas Moyen Âge et la Renaissance, t. 11, Paris, Hachette, 2007.

BABINGER (Franz), Muhammad II o Conquistador e o Seu Tempo. 1432-1481. La grande peur du monde au tournant de l'histoire, Paris, Payot, 1954.

BRÉHIER (Louis), Vie et mort de Byzance, Paris, Albin Michel, “Bibliothèque de l'évolution de l'humanité”, 2006.

DONALD MACGILLIVRAY (Nicol), Les derniers siècles de Byzance. 1261-1453, Paris, Tallandier, col. “Texte”, 2008.

LAÏOU (Angeliki) e MORRISSON (Cécile), O Mundo Bizantino. III. L'Empire grec et ses voisins. XIIIe-XVe siècle, Paris, Presses Universitaires de France, col. “Nouvelle Clio”, 2011.

MALHERBE (Jacques), Constantino XI. Dernier empereur des Romains, Louvain-la-Neuve, Academia-Bruylant, 2001.

MCCARTHY (Justin), Os turcos otomanos. Uma história introdutória a 1923, Londres, Longman, 1997.

SCHLUMBERGER (Gustave), Le Siège, la Prise et le Sac de Constantinople par les Turcs en 1453, Paris, Plon-Nourrit, “Bibliothèque historique de Plon”, 1914.

FONTES ADICIONAIS

CHAVARDÈS (Maurice) e CHAVARDÈS (Marilène), La chute de Constantinople, Paris, Robert Laffont, coleção “Ce jour-là”, 1963.

HEERS (Jacques), Chute et mort de Constantinople. 1204-1453, Paris, Perrin, col. “Pour l'histoire”, 2005.

RUNCIMAN (Steven) e PIGNOT (Hélène), La chute de Constantinople. 1453, Paris, Tallandier, col. 'Texto', 2007.

ICONOGRAFIA

La Prise de Constantinople par les Turcs, iluminação atribuída a Philippe de Mazerolles (pintor e iluminador francês, morto em 1479), século XVe (em CHARTIER (Jean), *Chronique de Charles VII, roi de France*, Paris, P. Jannet, 1858).

The Taking of Constantinople, fresco, 1532, preservado no mosteiro Moldovița na Moldávia.

O Hino Acatístico e o Cerco de Constantinopla, fresco, 1535, conservado no Mosteiro do Humor na Moldávia.

The Taking of Constantinople, pintura de Iacopo Robusti, conhecida como Tintoretto (pintor italiano, 1518-1594), século XVIe , guardada no Palácio Doge em Veneza.

A Captura de Constantinopla pelos Cruzados, pintura de Eugène Delacroix (pintor francês, 1798-1863), 1852, conservada no Museu do Louvre em Paris (França).

A entrada de Mehmet II em Constantinopla, pintura de Jean-Joseph Benjamin Constant, conhecido como Benjamin-Constant (pintor e gravador francês, 1845-1902), 1876, conservado no Musée des Augustins em Toulouse.

Mehmet II na Conquista de Constantinopla, pintura de Fausto Zonaro (pintor italiano, 1854-1929), 1903, no Palácio Dolmabahçe em Istambul.

FILME E DOCUMENTÁRIO

Constantinopla, filme de Faruk Aksoy, com Devrim Evin e Ibrahim Celikkol, Turquia, 2013.

The Rise of the Ottoman Empire, documentário de Melissa Akdogan, Nick Gillan-Smith, John Fothergill e Jack MacInnes, na série *From East to West*, USA, 2012.

ROMANO

RICARDOU (Jean), La Prise de Constantinople, Paris, les éditions de Minuit, 1965.

MUSEUS E EDIFÍCIOS MEMORIAIS

Rumeli Hisarı Fortaleza (Istambul).

Panorama 1453 Museu Histórico (Istambul).

As paredes de Theodosius II (Istambul).

Torre Galata (Istambul).

Queremos ouvir você!

*Deixe um comentário sobre a sua biblioteca online
e compartilhe os seus livros favoritos nas redes sociais!*

50MINUTES.com



**IMPROVE YOUR
GENERAL KNOWLEDGE**
IN THE BLINK OF AN EYE!

www.50minutes.com

A editora assegura a fiabilidade da informação publicada, a qual, no entanto, não poderia assumir a sua responsabilidade.

Mestre ISBN: 9782808662611

Papel ISBN: 9782808670036

Depósito legal: D/2023/12603/325

Desenho digital: Primento, o parceiro digital dos editores.